



“Mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?”: jornalismo e as razões da (in) felicidade feminina

“But why, after all, women do not smile?”: journalism and the reasons for the female (un) happiness

João Freire Filho¹ e Tatiane Leal²

RESUMO Este artigo investiga as concepções de felicidade predominantes nas reportagens “O paradoxo da tristeza feminina” (2010), de *Veja Especial Mulher*, e “10 segredos para ser feliz” (2012), de *Época*. A falência do movimento feminista é apontada como causa de uma infelicidade feminina sem precedentes. As revistas utilizam a retórica do equilíbrio para mascarar um imperativo da obtenção da *alta performance* em diversas esferas, como o casamento, a maternidade, a beleza e o trabalho, revelando continuidades e descontinuidades em relação ao ideal tradicional de felicidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE jornalismo; discurso; representação; felicidade; feminismo.

ABSTRACT This study investigates the conceptions of happiness prevalent in the reports “The paradox of female sadness” (2010), by *Veja Especial Mulher*, and “10 secrets to happiness” (2012), by *Época*. The failure of the feminist movement is identified as the cause of an unprecedented female unhappiness. The magazines uses the rhetoric of balance to mask an implied obligation in achieving high performance in various areas such as marriage, motherhood, beauty and work, revealing continuities and discontinuities in relation to the traditional ideal of female happiness.

KEYWORDS journalism; discourse; representation; happiness; feminism.

1 Professor assistente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – nível 1D. E-mail: joaofreirefilho@gmail.com

2 Doutoranda e Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: tatianeclc@gmail.com

Nos anos 1950, a “dona de casa americana” era uma das figuras mais emblemáticas do universo midiático no mundo ocidental. Em meio à explosão do consumo e à profusão de aparelhos que vieram facilitar o trabalho doméstico, a publicidade exaltava a vida perfeita e feliz daquela mulher, um dos principais ícones do *american way of life*. Moças bonitas, sorridentes e bem vestidas estrelavam comerciais em cozinhas equipadas, e as revistas femininas ensinavam como manter a harmonia no lar. Um artigo da revista *Time* chegou a afirmar que as donas de casa dos subúrbios, um “fenômeno americano”, tinham “uma vida agradável demais para lembrar de ser infelizes”¹.

Ao contrário do que afirma a revista, a imagem da “dona de casa feliz” não se restringe à sociedade estadunidense do século XX, mas tem uma longa genealogia. Para Ahmed (2010), o cenário político suscitado pela primeira onda feminista, no século XIX, impulsionou o discurso de afirmação da felicidade como um bem emocional e econômico dos lares de classe média, em que a esposa alegre representaria a oposição às novas militantes infelizes e raivosas.

Em um estudo sobre a literatura sentimental escrita por mulheres no século XIX, Schnog (1997) mostra como as escritoras daquela geração alinhavam a prática doméstica à conduta emocional. Mulheres “felizes” comandavam casas limpas e organizadas, crianças disciplinadas e bem-vestidas e tinham a capacidade de aliviar os maridos do fardo da vida profissional. Já as “descontroladas”, “tristes” e “temperamentais” viviam em meio ao caos doméstico, com refeições desordenadas,

filhos desobedientes, roupas desalinhadas e a ausência dos esposos, que iam buscar divertimento nas tavernas.

Experimentar a felicidade em meio às atribuições domésticas não era apenas desejável, mas constituía um dever da boa esposa. A mãe de classe média tinha a responsabilidade emocional de manter e expressar um “coração alegre”, não por seu próprio bem-estar, mas pelo de sua família. No âmbito daquelas histórias, a “mulher temperamental” — figura oposta ao “anjo do lar” — funcionava como um alerta para a importância de censurar os sentimentos negativos (ansiedade, tristeza, nervosismo e irritabilidade) que, quando fora de controle, conduziam a desfechos trágicos de infelicidade, solidão e, até mesmo, morte.

No entendimento das escritoras estudadas por Schnog, a felicidade não era um estado transitório, nem um ideal estático de caráter, mas uma estratégia feminina de controle social dentro da vida familiar de classe média. As escritoras apresentavam instruções para alcançar esse estado emocional, principalmente a partir da regulação da expressão facial e da fala. Para elas, a mulher que ostentava uma face preocupada ou revelava tons de raiva e de ansiedade em sua voz destruía a vida da família, enquanto que a esposa que sorria e comunicava-se de modo gentil espalhava ânimo por toda a sua casa. A felicidade era, portanto, mais do que uma emoção: representava uma *performance* que deveria ser realizada ininterruptamente.

A dona de casa feliz da literatura do século XIX não parece tão distante da personagem central da “mística feminina”, denunciada por Betty Friedan na década de 1960. Segundo a psicóloga e jornalista americana (que se tornaria uma das figuras de proa do movimento feminista de segunda onda), por trás das imagens entusiásticas transmitidas na

1 TIME. The roots of home. Nova Iorque, v. LXXV, n. 25, 20 jun. 1960 *apud* Friedan, Betty. *A mística feminina*. São Paulo: Vozes, 1971, p. 23.



mídia em torno da vida feminina doméstica, cada dona de casa dos Estados Unidos lutava contra uma estranha insatisfação. Cada vez mais distantes da imagem da garota que sorria alegremente na televisão, as donas de casa entrevistadas por Friedan ([1963] 1971) demonstravam sofrer de uma infelicidade crônica que não sabiam explicar com justificativas palpáveis. Tratava-se, segundo a psicóloga, de um “problema sem nome”. Para Friedan, a infelicidade das mulheres era negligenciada e censurada pelas revistas femininas, que atingiam o auge, até então, de seu poder cultural.

Para Moskowitz (2001), tais publicações estavam longe de ignorar a condição psicológica daquelas mulheres. Pelo contrário, viram na suposta infelicidade feminina um rico campo a ser explorado por um novo princípio que vinha transformando a maneira com que a sociedade estadunidense se orientava: a cultura terapêutica. O momento pós-guerra assistiu a uma explosão da psicologia: a terapia se popularizou, não se restringindo mais ao tratamento de pessoas com distúrbios mentais, tornando-se uma ferramenta acessível a indivíduos comuns. Palavras como “ego”, “complexo de inferioridade” e “autoestima” se tornaram chaves explicativas para os problemas do dia a dia, alcançando os lares americanos por meio das revistas femininas. A psicologia transformou-se, mais do que em um campo de estudos ou uma ciência, em uma fonte de valores morais, culturais e políticos, moldando a forma como as pessoas entendem, administram e veem o mundo (FREIRE FILHO, 2012a; FUREDI, 2004; ILLOUZ, 2011; MOSKOWITZ, 2001; ROSE, 2008).

No âmbito midiático, Moskowitz enumera diversos textos de publicações femininas que se dedicavam a discutir os problemas e as angústias da dona de casa americana a partir do viés psicológico. Pela primeira vez, foi dito a milhões de mulheres que

elas deveriam se tornar íntimas de seus *selves*, de suas necessidades, de seus desejos, de suas insatisfações, para resolver, enfim, o “problema sem nome” e encontrar a felicidade.

Assim, as revistas introduziram o leitor no princípio cardeal da cultura terapêutica: a infelicidade é uma condição que pode (e deve) ser tratada. Mas, o tratamento não demandaria necessariamente a visita a um profissional. As revistas alardeavam curas rápidas, oferecendo uma variedade de prescrições no estilo “faça-você-mesmo”. Os textos traziam dicas para o gerenciamento das emoções e técnicas de autocondicionamento, que consistiam em pensar positivamente sobre a vida, banindo pensamentos de solidão, tristeza e raiva.

No Brasil, a temática da felicidade também era uma das mais exploradas pelas revistas femininas no mesmo período. Um estudo feito por Bassanezi (1993) sobre o arquivo das revistas *Claudia* e *Jornal das Moças* entre 1945 e 1964 mostra que a felicidade conjugal era considerada a principal ambição das leitoras. Para uma mulher, o bem-estar dos filhos e, especialmente, o do marido aparece como o ponto de referência para sua própria felicidade, vista como mera consequência da satisfação do companheiro. Segundo *Jornal das Moças*,

cabe à mulher manter no homem a vontade de voltar para junto dos seus, no lugar reservado para ele, onde encontrará a felicidade esperando-o de braços abertos (*Jornal das Moças*, 1955)².

Seria, então, principalmente (ou até mesmo inteiramente) responsabilidade da mulher a manutenção de um lar agradável e feliz. Do mesmo modo,

² *Jornal das Moças*, 03 de março de 1955 *apud* BASSANEZI, 1993, p. 138.

ela carregaria sozinha o peso por eventuais fracassos e desarmonias. Para evitá-los, as revistas ofereciam um manual de como cumprir o papel da boa esposa: realizar bem as atividades domésticas, manter a boa aparência, não importunar o marido e ser para ele fonte de prazer e consolo. A responsabilização da mulher aparece tanto nas questões mais prosaicas, em conselhos como “a desordem em um banheiro desperta em um marido a vontade de tomar banho na rua” (*Jornal das Moças*, 1945)³, quanto nas mais complexas, como a infidelidade.

Mais do que orgulho, o seu dever é mais forte (...) passe uma esponja sobre um desvio, uma levianidade tão própria dos homens. Caso contrário, quando ele a abandonar, acha que seu ataque de nervos, a sua crise de orgulho, secará suas lágrimas? (*Jornal das Moças*, 1955)⁴.

Bassanezi ressalta que as revistas não questionavam a disponibilidade de tempo, as habilidades individuais ou o interesse de cada mulher por seus encargos. A realização da mulher no papel de esposa e de dona de casa era considerada natural, e a eventual insatisfação na busca da felicidade-modelo-obrigatória para o gênero feminino era apresentada como responsabilidade da mulher “infeliz”.

Sessenta anos depois, as donas de casa permanecem nas representações midiáticas e no imaginário cultural, mas convivem, mais frequentemente, com a figura da mulher que trabalha. Revistas semanais de informação e publicações de negócios abrem espaço para os dilemas da mulher executiva na

busca pelo sucesso. Porém, ser bem-sucedida não necessariamente traria felicidade. Discursos midiáticos contemporâneos continuam a buscar a cura para a tristeza feminina. Duas matérias veiculadas recentemente pelas principais revistas de informação do país, *Veja e Época*, denunciam que as mulheres nunca foram tão infelizes. A partir da análise de “O paradoxo da tristeza feminina” (2010), de *Veja Especial Mulher* e “10 segredos das mulheres felizes” (2012), de *Época*, investigamos, neste artigo, quais são as concepções de felicidade predominantes nas duas reportagens e quais são os meios e os obstáculos apontados para sua conquista.

Em 2010, a revista *Veja Edição Especial Mulher*⁵ trouxe a matéria “O paradoxo da tristeza feminina” (GUNN *et al.*, 2010). A reportagem investiga possíveis causas para uma questão intrigante: “Há mais empregos, os salários são melhores e os homens, mais respeitosos — mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?”. A reportagem tem quatro páginas e faz parte da seção “Casamento e sociedade”⁶. É assinada pela jornalista Dwyer Gunn, editora do *blog Freakonomics*, do *New York Times*, e pelos economistas Betsey Stevenson e Justin Wolfers, professores da Universidade da Pensilvânia.

Durante a pesquisa, descobrimos que a matéria foi baseada em um artigo científico produzido por Stevensons e Wolfers (2009). O *paper* não é mencionado na reportagem de *Veja* — um lapso bastante

3 *Jornal das Moças*, 25 de outubro de 1945 *apud* BASSANEZI, 1993, p. 121.

4 *Jornal das Moças*, 03 de março de 1955 *apud* BASSANEZI, 1993, p. 137.

5 Essa revista é publicada, sazonalmente, desde 1994 como uma edição especial de *Veja* que aborda temas presumidamente ligados aos interesses femininos e à condição da mulher na sociedade. Até o momento, foram lançados sete números, nos anos de 1994, 2001, 2002, 2003, 2007, 2008 e 2010.

6 As seções da *Veja Edição Especial Mulher* (2010) são: Imprensa; Ideia; Trabalho e maternidade; Casamento e sociedade; Sexo e saúde; Política e economia e Ensaio – Moda.



corriqueiro, aliás, em nossas revistas semanais de informação (cf. FREIRE FILHO, 2014, p. 26-27). Publicado no *American Economic Journal*, o artigo de Stevensons e Wolfers examina o bem-estar subjetivo de homens e mulheres nos últimos 35 anos nos Estados Unidos (com dados da *General Social Survey*) e em doze países europeus (com informações do *Eurobarometer*). Os resultados mostram um declínio da felicidade feminina tanto em termos absolutos quanto relativos aos homens. A pesquisa não traz números brasileiros, mas, na reportagem de *Veja*, os autores estabelecem paralelos entre os resultados americanos e europeus e a realidade local.

A matéria inicia com uma comparação entre as mulheres de hoje e as da década de 1950. Os mais variados tipos de avanços na vida feminina são celebrados: do acesso à pós-graduação até a invenção do aspirador de pó, tudo parece denotar uma maior liberdade para as mulheres. Os fatos são embasados por estatísticas que demonstram maior escolaridade, menor taxa de fecundidade e menor discrepância salarial entre homens e mulheres, em países como Estados Unidos, Inglaterra e Brasil. A reportagem considera o movimento feminista fundamental para o alcance dessas vitórias.

Todavia, os avanços mascaram um fato perturbador, segundo a revista: as mulheres se tornaram menos felizes com o passar dos tempos. Na tentativa de descobrir as causas do problema, os autores confrontam dados quantitativos de possíveis grupos de mulheres que poderiam ser mais infelizes que outras: casadas e solteiras, que trabalham ou não, com filhos ou sem filhos. A conclusão é que não há diferenças no declínio do bem-estar relativo entre esses grupos: a infelicidade atinge mulheres com idades, faixas de renda, nível educacional e

estado civil diferentes. Ou seja, é um problema do gênero feminino. A reportagem ressalta que, no Brasil, tanto homens quanto mulheres se tornaram mais felizes nos últimos anos, mas que elas são menos felizes do que eles.

Já que os fatores demográficos não demonstraram ser uma explicação plausível, as hipóteses formuladas para tentar explicar a “desigualdade de gêneros na felicidade” dizem respeito ao aumento de esferas consideradas importantes pelas mulheres. Se, na década de 1950, as preocupações giravam em torno do âmbito doméstico e das questões de beleza, hoje fatores como “ter sucesso no trabalho”, “contribuir para a sociedade” e “ser uma líder na minha comunidade” se tornam fundamentais, sem que as demandas antigas deixem de ser relevantes. De acordo com os autores, uma explicação possível para essa infelicidade paradoxal pode estar no fato de que

obter e agregar felicidade em todos esses diferentes domínios pode ser mais difícil do que era quando os esforços das mulheres tinham um foco mais fechado (GUNN *et al.*, 2010, p. 48).

No artigo científico supracitado, os pesquisadores afirmam que suas descobertas em relação ao índice de bem-estar subjetivo de homens e mulheres podem ter implicações tanto para a elaboração quanto para a avaliação de políticas públicas (STEVENSON & WOLFERS, 2009). A reportagem de *Veja* não chega a tocar nesse ponto. Entretanto, a presença da matéria na revista é significativa: em um mar de exaltação das conquistas femininas, desde o editorial que anuncia um “tempo de grandes transformações”, até as matérias que celebram “Filhos e carreira: opção sem drama”, “O perfil de uma executiva pioneira”, “Os cinquenta anos da

pílula” e “A nova mulher da classe C”, a reportagem em questão é a única a abordar algum aspecto negativo ou algum entrave para as comemorações. A infelicidade foi o tópico escolhido para ilustrar o que restaria de desigualdade entre os gêneros, e não os problemas crônicos mais palpáveis enfrentados pelas mulheres brasileiras. Pautas como a violência doméstica e sexual, a disparidade entre salários de homens e mulheres e os preconceitos culturais foram negligenciadas. Pelo menos para *Veja*, a sociedade e o governo não teriam muito o que se preocupar com as mulheres no que diz respeito a essas questões sociais mais amplas. Isso mostra a centralidade das emoções e dos aspectos psicológicos individuais para a vida política e social na contemporaneidade, sendo a felicidade uma das mais primordiais.

É nessa busca individual que se concentra a reportagem de *Época*, “10 segredos para ser feliz” (BUSCATO *et al.*, 2012). A matéria foi a capa de 5 de março de 2012 da revista e fez parte do *especial mulher* que *Época* organiza anualmente em uma de suas edições desse mês, devido às comemorações em torno do Dia Internacional da Mulher. Com oito páginas e assinada pelas jornalistas Marcela Buscato, Martha Mendonça, Nathalia Ziemkiewicz e Tonia Machado, a reportagem foi publicada na seção “Vida – Especial Mulher”. A matéria formula os passos para obter a felicidade, uma aspiração que não é apenas feminina, mas “parece mais inalcançável para esse sexo” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 74).

Estruturada no formato do chamado “jornalismo de autoajuda” (FREIRE FILHO, 2011a), a matéria apresenta os dez segredos da felicidade, a partir das trajetórias exemplares de mulheres bem-sucedidas. Essa modalidade de jornalismo oferece guias rápidos para a solução de problemas e

a conquista de bens no campo psíquico e emocional. Assim como na literatura de autoajuda, sobressai, nesse tipo de reportagem, a concepção do *self* como um repositório facilmente acessível e manipulável. Frequentemente, o texto apresenta um número de passos ou de segredos a serem seguidos pelo leitor para conquistar, por exemplo, a felicidade, a autoestima e o sucesso. A investigação jornalística é referendada pela presença de especialistas (comumente do campo psi), portadores da voz autorizada da ciência. E, por fim, são exibidas histórias de superação de indivíduos comuns, que revelam, a partir da própria trajetória, a legitimidade dos conselhos apresentados.

Os conselhos selecionados pela revista são: “descubra o que você quer”; “combata o sentimento de culpa”; “aprenda a abrir mão”; “não ceda às pressões”; “valorize-se”; “seja egoísta”; “marque hora para fazer sexo, se for preciso”; “mantenha a vida social ativa” e “tente viver com mais leveza”. A fim de legitimar os mandamentos escolhidos, foram convocados especialistas de diversas áreas. A maioria veio da psicologia, com sete profissionais. Além deles, foram ouvidas uma economista especialista em gênero, uma socióloga, uma filósofa, uma ginecologista e a presidente de uma consultoria de produtividade. Foram entrevistadas ainda mulheres comuns, de diferentes idades e profissões, cujas histórias de vida trariam os exemplos necessários para comprovar que é possível colocar em prática cada um dos segredos para uma vida feliz. É a voz delas, juntamente com a dos especialistas, que legitima as propostas da revista como verdadeiras.

No imaginário contemporâneo, a felicidade tornou-se um imperativo: não se pode deixar de buscá-la e, principalmente, expressá-la. Cabe ressaltar que essa palavra ganha hoje contornos típicos, que



longe de carregarem um significado atemporal, estão diretamente conectados ao nosso tempo histórico. A felicidade contemporânea se apresenta como um projeto de engenharia individual, que obtém o engajamento voluntário de um número impressionante de indivíduos (FREIRE FILHO, 2010).

Nas revistas femininas dos anos 1940 a 1960 citadas no início deste artigo, o ideal de felicidade feminina era bastante rígido e limitado à realização no casamento. Já *Época* parece trazer infinitas possibilidades de ser feliz. As mulheres escolhidas como modelos de sucesso na empreitada da felicidade possuem diferentes perfis: há uma empresária *workaholic* de 33 anos, diretora de uma consultoria de negócios internacionais; uma dona de casa de 40 anos que deixou a profissão de dentista para ser mãe em tempo integral; uma artista plástica de 48 anos solteira por opção; uma modelo e atriz de 27 anos que vê nos cuidados com a beleza uma fonte de felicidade; uma administradora de 32 anos que pratica corrida como fonte de prazer; e uma publicitária de 23 anos que mora com o namorado e possui uma vida social ativa.

A faixa etária das entrevistadas varia entre os 23 e os 48 anos. Todas possuem uma profissão de ensino superior e pertencem à classe média/alta. Todas são brancas e têm cabelos lisos. Quatro praticam atividades físicas. Das seis mulheres, apenas uma não é casada. Somente duas não são mães: Núria, a artista plástica solteira por opção, de 48 anos, e Florencia, a publicitária de 23 anos, a mais jovem. Apesar da pretensa heterogeneidade dos perfis, que anunciam que é possível ser feliz de qualquer forma, percebe-se uma continuidade em relação aos ideais das revistas femininas da metade do século XX: o casamento e a maternidade são questões centrais para a felicidade.

A descontinuidade aparece na questão da satisfação sexual que, segundo a pesquisa de Bassanezi, era inexistente no *Jornal das Moças* e apenas incipiente em *Claudia*. Para *Época*, na receita de bem-estar de qualquer mulher “não pode faltar sexo” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 78). Porém, o discurso da revista reforça uma concepção arraigada no senso comum: a de que o desejo do sexo feminino pela relação sexual não seria tão forte quanto o masculino, sendo facilmente esquecido frente a outros “compromissos”. De acordo com a matéria, as mulheres “costumam se esquecer desse ingrediente à medida que suas responsabilidades aumentam” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 78). Essa ideia é legitimada por um estudo realizado por cientistas americanos em países africanos que teria mostrado que quanto maior a influência das mulheres nas decisões familiares, menor é a frequência com que elas têm relações sexuais. Por isso, a revista propõe que se “marque hora para fazer sexo, se for preciso” como um dos segredos para a felicidade feminina.

A história da solteira de 48 anos, Núria, apesar de aparentemente contrariar a regra da necessidade do casamento para a felicidade, acaba por reforçá-la. Detentora do segredo “não ceda às pressões”, Núria é apresentada como alguém que comprou a briga contra as demandas sociais de casar e ter filhos. Ela declara que está sozinha porque quer e que preza sua liberdade. A história dessa entrevistada apresenta um ponto central na busca da felicidade para *Época*: a questão da escolha. Ser solteira é legítimo, desde que seja uma opção. O estado civil de Núria é apresentado como um projeto individual, construído como resultado de uma aspiração autêntica. Sendo assim, mulheres que porventura tenham desejado um casamento

ou filhos e não os tiveram provavelmente seriam vistas como fracassadas e infelizes.

De fato, a autenticidade aparece como uma questão central para a conquista da felicidade. Não é à toa que o primeiro segredo é “descubra o que você quer”. O mergulho no interior para o conhecimento dos próprios desejos é apontado como primordial para essa busca. A ideia de autenticidade também legitima a heterogeneidade de mulheres que *Época* proclama: é possível ser feliz de qualquer forma, desde que de maneira autêntica, e não para satisfazer pressões sociais ou desejos de outras pessoas. Esse discurso responde à ética da autenticidade que, segundo Taylor (2011), rege a sociedade contemporânea. Nesse regime moral, conhecer o “verdadeiro eu” e ser fiel aos anseios mais profundos constituem um ideal que orienta a experiência dos indivíduos.

Apesar de ser tratada como um dado natural, essa noção de um corpo fechado em si, dotado de profundezas internas, com um interior parcialmente inexplorado e sombrio é uma forma historicamente limitada de autointerpretação, característica do Ocidente moderno. De acordo com essa concepção de identidade, os pensamentos, ideias ou emoções estão “dentro” dos indivíduos, enquanto os objetos do mundo com os quais esses estados mentais se relacionam estão “fora”. As capacidades e potencialidades são pensadas como “interiores”, à espera do desenvolvimento que as manifestará ou as realizará na esfera pública. Fala-se de um *self*, ou *o self*, uma entidade em constante processo de autorrealização, já que todos os recursos que podem impulsionar transformações estão dentro de cada indivíduo, esperando ser acessados (TAYLOR, 2011, 2013).

Entretanto, discursos midiáticos como essa reportagem, que convocam os indivíduos a serem

autênticos, frequentemente apresentam contradições. Uma análise da revista *Capricho* (FREIRE FILHO, 2007), principal publicação do segmento feminino adolescente no Brasil, mostra que a autenticidade é considerada o objetivo principal a ser buscado pelas adolescentes representadas na revista. Entretanto, “ser você mesma” para a revista seria

a possibilidade de formulação e comunicação — por meio de toda a conhecida parafernália da feminilidade (maquiagem, vestuário, adornos, tietagem) — de ideias e valores próprios (FREIRE FILHO, 2007 p. 141).

As leitoras são convocadas a “serem elas mesmas” seguindo uma série de prescrições e modelos, que passam fortemente pela via do consumo como possibilidade de conquista da beleza e da popularidade, sem deixarem de corresponder a padrões tradicionais de feminilidade.

Esse tipo de contradição aparece também na matéria de *Época*. Em primeiro lugar, há o próprio caráter prescritivo da reportagem, que define os modelos ideais de vida feliz e as regras a serem seguidas para a conquista da felicidade, o que já se oporia a uma ideia de simplesmente ser fiel aos próprios desejos. Em segundo, a questão da adequação aos padrões de beleza aparece como essencial para a obtenção da felicidade. A entrevistada Sandra, modelo e atriz de 27 anos, é apresentada como uma mulher que conseguiu transformar as exigências de seu trabalho com os cuidados com o corpo e a beleza em uma fonte de felicidade, por isso detém o segredo “valorize-se”. Aqui, aparece novamente a ideia de escolha. A rotina de exercícios e tratamentos estéticos é mencionada mais como um desejo de



Sandra, algo que faz com que ela se sinta bem, do que como uma exigência de sua profissão ou da própria sociedade. Seus hábitos de cuidado de si incluem a prática de ginástica todos os dias e sessões de drenagem linfática duas vezes na semana, uma rotina inviável para muitas mulheres com diferentes profissões e realidades socioeconômicas. Para *Época*, “cuidar de si mesma” não seria mais apenas uma questão de adequação a padrões estéticos, mas uma forma de proteger o “bem mais precioso”: o corpo. Verifica-se uma continuidade do ideal da beleza como uma exigência tradicional da feminilidade, mas com uma ampliação de suas justificativas. Ao lado da estética, ganha importância a questão da saúde física e psicológica. O depoimento da psicóloga Joana Novaes, coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza da PUC-Rio vem corroborar essa ideia: “Hoje, o conceito de beleza está atrelado à saúde” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 78).

A questão do trabalho aparece como uma descontinuidade em relação aos ideais tradicionais de felicidade feminina. A entrevistada Aline é uma *workaholic* convicta, apresentada como uma mulher que, apesar de casada há 12 anos e mãe de duas meninas, considera o trabalho como uma fonte inigualável de felicidade. Segundo *Época*,

o segredo que leva à sua forma particular e inestimável de felicidade é trabalhar muito, mesmo que isso signifique perder momentos preciosos ao lado das duas filhas” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 74).

A empresária de 33 anos dirige uma consultoria de negócios internacionais, trabalha dez horas por dia, viaja para o exterior a trabalho a cada dois meses e já se pegou respondendo e-mails enquanto amamentava. A confirmação sobre a importância

de sua carreira teria vindo justamente no nascimento da primeira filha:

A maternidade é uma parte do que sou, mas não a única. Ficaria infeliz se tivesse que abrir mão das minhas responsabilidades profissionais (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 75).

Segue-se à história de Aline outro perfil que representaria o seu oposto: Patrícia, uma dona de casa de 40 anos que abriu mão da profissão de dentista e empresária para dedicar-se exclusivamente à família. Nas palavras de *Época*, foi o momento em que ela “enfrentou sua síndrome de supermulher” e descobriu que sua felicidade estava no lar. Por isso, Patrícia detém o segredo “aprenda a abrir mão”. *Época* afirma que “a ditadura da mulher profissional” começa a esmorecer e critica o feminismo dos anos 1960 por não perdoar a escolha de ser mãe em tempo integral.

Outro perfil que invoca a questão da domesticidade é o da publicitária Florencia, de 23 anos, que conseguiu dominar o segredo que “muitas brasileiras julgam impossível”: incluiu seu companheiro no cronograma dos afazeres domésticos (“mande o marido para a cozinha”). Segundo *Época*, essa seria a melhor medida para combater “uma das maiores fontes de insatisfação feminina”: o acúmulo das tarefas do lar e do trabalho. A felicidade de Florencia viria do fato de que “a ajuda de Luiz Villas [seu namorado] não só alivia possíveis tensões, como permite que Florencia tenha tempo para si” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 79). Entretanto, a revista não problematiza a divisão igualitária das atividades domésticas, classificando a atitude do marido como uma “ajuda”, não como uma obrigação. Esse discurso transmite a ideia de que a responsabilidade pelo trabalho doméstico seria ainda feminina,

cabendo também à mulher a tarefa de convencer o marido a auxiliá-la, se quiser ser feliz.

Apesar de oferecer dez dicas para a obtenção da felicidade, *Época* apresenta um segredo principal que atravessa os outros conselhos: o equilíbrio entre todas as esferas que constituem o mundo feminino contemporâneo. Falhar nesse projeto individual resultaria no que *Época* denomina como “o sentimento mais forte da mulher contemporânea”: a culpa. Apesar de reforçar uma série de demandas que a sociedade exige das mulheres, a revista considera que a subsequente culpa por não conseguir atendê-las em sua totalidade é explicada pela própria biologia feminina. Curiosamente, os depoimentos utilizados para reforçar esse argumento não incluem o de nenhum especialista em fisiologia humana. O primeiro é uma frase da escritora americana Erica Jong: “Mostre uma mulher que não sinta culpa, e eu apontarei um homem” (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 76). A outra declaração que veio endossar o caráter biológico da culpa feminina veio do psicólogo Itzair Etxebarria, pesquisador da Universidade do País Basco, que teria confirmado em suas pesquisas a tendência feminina a demonstrar mais empatia.

Assim, a conquista da felicidade é considerada pelas duas matérias, apesar de exequível, mais difícil para as mulheres do que para os homens. Isso porque elas seriam convocadas a serem bem-sucedidas em um maior número de áreas da vida e enfrentariam a barreira natural da culpa por não conseguirem atender a todas as demandas. Após destrinchar possíveis causas sociais para a infelicidade feminina, *Veja* afirma no último parágrafo que “talvez, acima de tudo, levantamentos recentes demonstrem que o bem-estar das mulheres é simplesmente complicado” (GUNN *et al.*, 2010, p. 48). *Época* ressalta a inabilidade do movimento feminista em resolver os anseios íntimos das mulheres.

A felicidade, claro, não é uma aspiração apenas feminina. A miragem de um tempo perfeito e de uma vida perfeita faz sonhar e inquieta homens e mulheres. Mas, de alguma forma, e de maneira surpreendente, essa miragem parece mais inalcançável para o sexo feminino. Mesmo depois de beneficiadas, nas décadas passadas, por aquilo que o historiador Eric Hobsbawm chamou de a mais vigorosa transformação da história recente — aquela que as emancipou da servidão doméstica, permitindo que estudassem, trabalhassem e assumissem funções públicas antes reservadas aos homens —, as mulheres ainda sofrem com suas próprias dificuldades e contradições, tanto ou mais do que sofrem com as restrições impostas pela sociedade (BUSCATO *et al.*, 2012, p. 74).

A matéria de *Veja* também ressalta que o feminismo, apesar de todas as suas conquistas, não teria conseguido vencer a última e mais importante barreira: a desigualdade de gêneros na felicidade. Com base nos resultados das pesquisas sobre o bem-estar subjetivo que mostram que há um declínio na felicidade das mulheres em relação à dos homens, *Veja* afirma que, do ponto de vista da felicidade, “os beneficiários do movimento feminista foram os homens” (GUNN *et al.*, 2010, p. 46).

As jovens simplesmente acrescentaram demandas à sua vida, uma mudança que resulta em um refrão familiar: essas meninas relatam uma crescente falta de tempo ao tentar o malabarismo de conciliar seus muitos compromissos. Se as mulheres de hoje estão avaliando sua felicidade sob muitos aspectos (trabalho, casamento, casa, filhos), em comparação a poucos fatores na década de 70, é mais provável que elas sintam que estão fracassando pelo menos em alguns domínios (GUNN *et al.*, 2010, p. 48).



Já em 1901, a revista feminina americana *Ladies' Home Journal* (dirigida por homens) atribuía ao movimento feminista a responsabilidade pela infelicidade feminina. Ao se perguntar “Por que nós mulheres não somos felizes?”, a publicação respondeu que a luta pelo direito ao voto as estava debilitando. O editor Edward Bok (*apud* FALUDI, 1991, p. 80 e 96) afirmava que se aventurar fora da esfera familiar perturbava os nervos frágeis e rebeldes desse gênero.

Dialogando com investigadores do campo dos estudos feministas e *queer*, Ahmed (2010) ressalta que a felicidade é utilizada, historicamente, para justificar formas de opressão, gerando efeitos infelizes. As figuras da dona de casa contente, do escravo alegre e da bem-aventurada família heterossexual têm sido invocadas como provas de que as estruturas sociais e as relações de poder formam um arranjo natural e desejável para todos (cf. FREIRE FILHO, 2012b).

Ahmed argumenta que, em uma sociedade desigual, os indivíduos não participam da mesma forma do projeto de vida feliz. Como as mulheres ocupam um lugar social subalterno, elas são educadas de modo a internalizar concepções de bem-viver orientadas à satisfação dos pais, do companheiro e dos filhos. Assim, a divisão generificada do trabalho é justificada historicamente como uma expressão natural do desejo feminino.

Nesse contexto, o obstáculo à pretensa paz social que orienta as mulheres a se entusiasmarem com a rotina doméstica seria a “feminista estraga-prazeres”: uma mulher hostil, infeliz e sem senso de humor, responsável por “quebrar o clima” e “provocar brigas” pelos ambientes em que passa. Para Ahmed, as feministas irritam as pessoas não só por trazerem à tona tópicos infelizes como o sexismo, mas por explicitarem como

a felicidade é sustentada a partir de técnicas de opressão e de violência em nome de um pacto social que privilegia o direito de alguns subjungando o de outros.

Ao não encontrarem felicidade nas expectativas tradicionalmente direcionadas ao seu gênero, e, mais ainda, denunciarem os efeitos infelizes dessas obrigações sociais, as feministas são acusadas de sabotar a alegria das que se sentem satisfeitas com “as coisas certas”. O resultado da intervenção indesejada do feminismo na vida das mulheres seria um cenário de ansiedade e de infelicidade frente à introdução de demandas externas à domesticidade.

Para as revistas analisadas, a solução para encontrar a felicidade nesse contexto pós-feminista estaria no que as matérias apontam como equilíbrio entre as esferas que passam a ser consideradas importantes na vida feminina. Entretanto, o que se observa a partir da combinação dos perfis das mulheres entrevistadas por *Época* é a necessidade de alcançar o máximo desempenho em cada uma das esferas: a *workaholic* que responde *e-mails* até mesmo enquanto amamenta é a executiva perfeita. A mãe ideal é a que abriu mão do trabalho para cuidar exclusivamente da família. A solteira convicta tem uma vida de diversão plena. A modelo e atriz não luta contra os taxativos padrões de beleza, mas os busca com perfeição. É a partir dessa “retórica do equilíbrio” — que mascara uma busca pela alta *performance* em todas as esferas — que a leitora é convocada a gerir a sua própria vida e tornar-se uma espécie

de superpoderosa, consagrada como a imagem síntese da mulher contemporânea⁷.

Percebe-se, assim, uma ampliação no conceito de felicidade feminina. Nos anos 1950, a vida feliz era necessariamente ligada ao casamento e à maternidade. Na contemporaneidade, como indicam as matérias analisadas acima, tanto a domesticidade quanto o mundo do trabalho passam a ser fundamentais para a conquista de uma vida feliz. Juntamente com outras esferas, como a beleza, a saúde e a sociabilidade, essas áreas se encontram sob a ideia de equilíbrio, tratado como o sinônimo da felicidade feminina. A naturalização do modelo predominante de felicidade proposto pela sociedade como parte de uma essência da feminilidade persiste: se em 1950 o casamento era visto como um desejo natural, hoje, falhar no equilíbrio (na verdade, na alta *performance*) em todas essas áreas é também fracassar como mulher. Assim, a felicidade feminina estaria em conseguir congregar uma gama de exigências, que combinam demandas historicamente associadas a esse gênero com expectativas típicas de uma sociedade guiada pelos princípios do capitalismo neoliberal, orientada para a *performance* e para o consumo (FREIRE FILHO, 2014 e 2011b).

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. *The promise of happiness*. Durham: Duke University Press, 2010.

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). In: *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, p. 111-148, 1993.

⁷ Para a análise do estereótipo da “mulher poderosa” como modelo ideal para o gênero feminino na contemporaneidade, conferir Leal (2015).

BUSCATO, Marcela; MACHADO, Tonia; MENDONÇA, Martha; Ziemkiewicz, Nathalia. 10 segredos para ser feliz. *Época*. São Paulo: Globo, ed. 720, 5 mar. 2012, p. 72-79.

FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FREIRE FILHO, João. Apologias da ambição: a ética e a ciência do sucesso em *VEJA* e *ISTOÉ*. In: FREIRE FILHO, João & COELHO, Maria das Graças Pinto (eds.). *Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 13-29.

_____. “Autoestima é tudo!”: anotações para um *Dicionário de ideias feitas sobre a felicidade*. In: FREIRE FILHO, João; RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (eds.). *Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Anadarco, 2012a, p. 15-64.

_____. A tirania da positividade: formas e normas da vida feliz no *Globo Repórter*. In: GOMES, Itania Maria Mota (ed.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: UFBA, 2012b, p. 75-96.

_____. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. In: *Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 717-745, set./dez. 2011a.

_____. Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da *alta performance*. In: FREIRE FILHO, João & COELHO, Maria das Graças Pinto (eds.). *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2011b, p. 27-50.



_____. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João (ed.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 49-82.

_____. Como ser uma “adolescente liberada” no terceiro milênio. In: FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da cultura juvenil: os estudos culturais e a micropolítica do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 111-162.

FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. São Paulo: Vozes, 1971.

FUREDÍ, Frank. *Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age*. Londres: Routledge, 2004

GUNN, Dwyer; STEVENSON, Betsey; WOLFERS, Justin. O paradoxo da tristeza feminina. In: *Veja Edição Especial Mulher*, São Paulo, p. 44-48, jun. 2010.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEAL, Tatiane. A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MOSKOWITZ, Eva S. *In therapy we trust: America's obsession with self-fulfillment*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social? In: *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 155-164, 2008.

SCHNOG, Nancy. Changing emotions: moods and the nineteenth-century American woman writer. In: PFISTER, John; SCHNOG, Nancy (eds.). *Inventing the psychological: toward a cultural history of emotional life in America*. New Haven: Yale University Press, 1997.

STEVENSON, Betsey; WOLFERS, Justin. The paradox of declining female happiness. In: *American Economic Journal*, v. 1(2), p. 190-225, ago. 2009.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. São Paulo: Realizações, 2011.

_____. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 2013.

“Mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?”: jornalismo e as razões da (in) felicidade feminina
João Freire Filho e Tatiane Leal

Data de envio: 24 de agosto de 2015.

Data de aceite: 22 de outubro de 2015.

